

Estudo baseado em corpus das traduções para o inglês do vocábulo *coisa* em *Água Viva* de Clarice Lispector

*Emiliana Fernandes Bonalumi
Diva Cardoso de Camargo*

Resumo: Clarice Lispector é uma escritora de grande notoriedade dentro e fora do Brasil. Este artigo aborda as traduções de quatro frases lexicais (FLs) provenientes do vocábulo *coisa* em *Água Viva*, da Autora. Analisamos a obra e as traduções para o inglês de 1989 por Earl Fitz e Elizabeth Lowe, e a de 2012 por Stefan Tobler. Utilizamos a ferramenta computacional *WordSmith Tools* (Scott, 1999), a fim de gerar uma lista dos vocábulos recorrentes e preferenciais da obra. Selecionamos o vocábulo *coisa*, uma vez que foi o terceiro na lista de palavras, além de sua importância no romance. Este estudo fundamentou-se nos estudos da tradução baseados em corpus de Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2004a, 2004b), nos princípios da linguística de corpus de Berber Sardinha (2000, 2004), assim como na abordagem interdisciplinar de Camargo (2005, 2007). O intuito foi analisar se houve variação e identificar as semelhanças e diferenças encontradas nas FLs selecionadas. Verificamos que houve mais aproximações entre a obra original e a traduzida de 1989; já, em relação ao original e à tradução de 2012, observou-se mais distanciamentos, isto é, foram utilizadas mais variações na obra traduzida de 2012 se comparada com a tradução de 1989.

Palavras-chave: Estudos da tradução baseados em corpus. Vocábulo recorrente e preferencial. Literatura brasileira traduzida. Clarice Lispector.

Abstract: Clarice Lispector is a writer of great notoriety in and out of Brazil. This paper focuses on the translations of four lexical phrases (LPs) coming from the word *coisa* in *Água Viva*, by the Author. We analysed the work and the translations into English of 1989 by Earl Fitz and Elizabeth Lowe, and of 2012 by Stefan Tobler. We have used the software *WordSmith Tools* (Scott, 1999), in order

to generate a list of recurrent and preferential words of the work. We have selected the word *coisa*, once it appeared in the third position in the word list, besides its importance in the novel. This study has grounded itself in corpus based translation studies by Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2004a, 2004b), in corpus linguistics principles by Berber Sardinha (2000, 2004), as well as in the interdisciplinary approach by Camargo (2005, 2007). The purpose was to analyse if there was variation and identify the similarities and differences found in the selected LPs. We could notice that there were more similarities between the original work and the translated one of 1989; in the other hand, we have verified more differences with regard to the original work and the translated one of 2012, i.e., variations were more used in the translation of 2012 if compared to the translated work of 1989.

Keywords: Corpus based translation studies. Recurrent and preferential word. Translated Brazilian literature. Clarice Lispector.

1 Introdução

Dada a relevância de Clarice Lispector no quadro da literatura brasileira feminina e da importância do trabalho dos seus tradutores, em especial de Elizabeth Lowe & Earl Fitz e Stefan Tobler para a aceitação das obras no exterior, optamos por selecionar uma obra de Clarice Lispector com as respectivas traduções para a língua inglesa. Com esse propósito, compilamos o seguinte trio de obras para investigação em corpora paralelos: a obra *Água Viva* e suas traduções efetuadas por Elizabeth Lowe e Earl Fitz, *The Stream of Life*, em 1989, bem como por Stefan Tobler, *Água Viva*, em 2012.

O objetivo deste artigo é analisar se houve variação nas traduções das quatro frases lexicais provenientes do vocábulo *coisa* por Earl Fitz, Elizabeth Lowe & Stefan Tobler. Também, temos o intuito de identificar as semelhanças e diferenças encontradas nas quatro frases lexicais selecionadas para esta investigação, no que diz respeito ao texto original e as traduções de 1989 e 2012.

Para fundamentar a nossa investigação, recorreremos a uma abordagem interdisciplinar de Camargo (2005, 2007), tendo como apoio a proposta por Baker (1993, 1995, 1996, 1999, 2004a, 2004b) para os estudos da tradução baseados em corpus, bem como os princípios e métodos da linguística de corpus adotados por Berber Sardinha (2000, 2004).

Além do arcabouço teórico-metodológico já mencionado, o presente trabalho conta com o auxílio do programa computacional *WordSmith Tools*, versão 7, criado por Mike Scott (1999), o qual proporcionou os recursos técnicos necessários para o levantamento de dados.

Com base na observação a partir de corpora eletrônicos, justifica-se a análise feita semiautomaticamente em virtude de facultar ao pesquisador empreender, de modo mais completo e abrangente, um estudo de natureza descritiva e comparativa em uma extensão consideravelmente maior do que por meio de amostragens. Também, por meio dos estudos da tradução baseados em corpus, podemos chegar a uma maior conscientização do papel desempenhado pelos tradutores, das opções empregadas e das tendências por eles apresentadas.

No tocante aos três profissionais, tradutores renomados, Elizabeth Lowe é tradutora credenciada pela Associação de Tradutores Norte-Americanos (*American Translators Association – ATA*) para traduções na direção português=>inglês e especialista em literatura e cultura latino-americana (especialmente Brasil e Colômbia). Atualmente, é diretora do Centro de Estudos da Tradução da Universidade de Illinois. Já, Earl Fitz é professor de português, espanhol, e literatura comparada na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee. Além da tradução em coautoria com Elizabeth Lowe, escreveu obras a respeito do estilo de autores consagrados, tais como Clarice Lispector, Machado de Assis e Jorge Amado. Por seu turno, Stefan Tobler nasceu na Amazônia, sendo seu pai inglês e sua mãe suíça. Em 2015, recebeu o prêmio de tradução Oxford-Weidenfeld pela sua tradução de *Água Viva*, de Clarice Lispector. Em 2016, recebeu dois prêmios pela tradução de *Um Copo de Cólera*, de Raduan Nassar, publicado como *A Cup of Rage*. Também traduziu a coletânea de poesias de Antônio Moura, *Rio Silêncio*, a obra de Rodrigo de Souza Leão *Todos os cachorros são azuis*, bem como a obra de Arno Geiger *Der Alte König in seinem Exil*.

2.1 Os estudos da tradução baseados em corpus

Os estudos da tradução baseados em corpus foram criados pela pesquisadora Mona Baker em 1992, consistindo dos estudos descritivos da tradução de Toury ([1978], 2000; 1995) e da linguística de corpus de Sinclair (1991). Acerca dos estudos descritivos da tradução de Toury ([1978], 2000; 1995), podemos mencionar que primeiramente observavam-se apenas os erros da tradução. Com a nova vertente, as investigações iniciaram a descrever a tradução, sem o intuito de apontar erros cometidos. No tocante à linguística de corpus de Sinclair (1991), verificamos que a partir daí, começaram a ser utilizados corpora semi eletrônicos nos estudos, facilitando o trabalho do pesquisador, uma vez que não se procurava apenas manualmente as informações que se pretendia analisar.

Apresentamos, abaixo, a definição para corpus, de Sanchez, que consiste em:

um conjunto de dados linguísticos (pertencentes ao uso oral ou escrito da língua, ou a ambos), sistematizados segundo determinados critérios, suficientemente extensos em amplitude e profundidade, de maneira que sejam representativos da totalidade do uso linguístico ou de algum de seus âmbitos, dispostos de tal modo que possam ser processados por computador, com a finalidade de propiciar resultados vários e úteis para a descrição e análise (SANCHEZ, 1996, p. 8-9).

Com o desenvolvimento da informática, Baker propõe que “corpus, agora, significa primeiramente uma coleção de textos digitalizados e capazes de serem analisados, automática ou semiautomaticamente, em uma variedade de maneiras” (BAKER, 1995, p. 225).

No Brasil, há diversas pesquisas aplicadas aos estudos da tradução baseados em corpora, como as realizadas por Fernandes (2006), Camargo (2013), Bonalumi (2021), Bonalumi & Camargo (2022) Pinto & Lima (2018), Souza Lima (2018), Serpa & Rocha (2019), entre outros, visando à análise do produto da tradução.

Acerca do produto da tradução, constata-se que há leitores que preferem os textos originais, pois acreditam que um texto traduzido perde a essência, e que o tradutor não consegue expressar o sentido do texto original.

Neste aspecto, Mona Baker comenta que

a tradução tem sido tradicionalmente vista como uma atividade de baixo status [...] e os textos traduzidos têm sido considerados nada mais que versões de segunda linha, distorcidas dos textos ‘reais’. [Na opinião da pesquisadora,] os textos traduzidos não são superiores nem inferiores [aos textos originais]. Entretanto, são diferentes e é a natureza dessa diferença que deve ser registrada e explorada. (BAKER, 1993, p. 233-234)

A este respeito, Tymoczko comenta que esta abordagem pode trazer contribuições para “esclarecer tanto similaridades como diferenças e investigar de maneira exequível as particularidades dos fenômenos específicos da linguagem presentes em muitas línguas e culturas diferentes” (TYMOCZKO, 1998, p. 657).

Este é nosso intuito neste trabalho, registrar as diferenças e similaridades encontradas entre texto original e as traduções para a língua inglesa de 1989 e 2012.

Com o propósito de enriquecer nossa análise, iremos também nos basear na tese de doutorado de Nélia Scott (1998) a respeito de normalização. A pesquisadora apresenta onze características que podem contribuir para a normalização do texto traduzido, porém, utilizaremos em nosso estudo apenas três delas, a saber: (1) omissão/acréscimo; (2) outras mudanças na tradução; e (3) repetição.

2.2 Os dois momentos da tradução para o inglês de *Água Viva* e o vocábulo “coisa” na escrita clariceana

Primeiramente, apresentamos o primeiro momento da tradução para o inglês de *Água Viva* (1989), em que Lanius & Martins comentam que

em uma leitura por vezes complexa, problemática e de difícil caracterização, que vem sendo revista pela crítica nas últimas décadas (sobretudo pelo viés pós-colonial), a apropriação que Cixous opera na obra da escritora brasileira é necessária para pensarmos uma construção primeira de Clarice em uma outra língua: é no francês, portanto, que Clarice começa a respirar a partir dos últimos anos da década de 1970.[... É] necessário preservar [a leitura de Cixous sobre a obra de Clarice] não só por sua importância crucial para a difusão de Clarice em outras culturas, já que ela atua como um dos grandes patronos internacionais de Clarice e desempenha um papel formador na imagem da escritora brasileira nos sistemas literários francófonos e anglófonos, mas também pela sua sensibilidade e potência que, por vezes, acabam sendo relegadas pela crítica. (LANIUS; MARTINS, 2016, p. 321; 324)

Por seu turno, abordamos abaixo o segundo momento da tradução para o inglês de *Água Viva* (2012), em que Lanius & Martins sugerem que

as palavras de Clarice também encontram casa na língua inglesa, em que vem sendo traduzida desde a década de 1960 e em que, graças a Cixous e Moser, ela passou a ocupar um lugar de proeminência ainda maior dentro do sistema literário. [...] Ao popularizar a escrita de Clarice, o projeto de tradução empreendido por Moser consegue reproduzir o lugar que ela ocupa na literatura brasileira, recriando traços como o apagamento de seu sobrenome – de modo a criar uma relação mais íntima com a escritora – e a preservação das idiossincrasias de sua escrita, refletindo na língua inglesa a estranheza da prosa clariceana. E, ao retirá-la do seu lugar de ícone da *écriture féminine*, a nova leitura de Clarice também acaba por situá-la como uma das grandes ficcionistas do último século, alçando-a novamente ao cânone mundial. (LANIUS; MARTINS, 2016, p. 321; 329-330)

Como podemos notar por meio das citações acima, Cixous e Moser contribuíram para que Clarice fosse conhecida internacionalmente. Suas palestras e publicações tiveram relevância para que a autora ganhasse notoriedade no mundo afora. A seguir, abordaremos o vocábulo “coisa”, objeto de análise de nossa pesquisa.

De acordo com Zacharias, podemos observar que

parece haver em sua escrita algo mais notável e substancial: uma busca, uma angústia. Não pelas coisas, mas pela *coisa* em si. Uma tentativa de que palavras possam dar a ver o invisível, dizer o indizível; que possam transmitir ao leitor essa captura que sofrem suas personagens quando adentram nesse estado de percepção sensível, mais apurado, mais intenso. [...] A descrição da *coisa* é, e nesse sentido, a tentativa de também dizer daquilo que seria desencadeado pelo encontro com a coisa, daquilo que a narradora busca, do que ela quer que lhe aconteça. (ZACHARIAS, 2018, p. 213; 222) – grifo nosso

Argumenta-se por meio do excerto acima que o vocábulo “coisa” é essencial na escrita clariceana, porque é através da busca e da angústia que a autora vai de encontro ao o que “ela quer que lhe aconteça” (ZACHARIAS, 2018, p. 222).

No que tange à nossa pesquisa, observamos por meio do programa computacional *WordSmith Tools*, em especial a ferramenta *WordList*, que o vocábulo *coisa* é o terceiro da lista no romance, sendo considerado um vocábulo recorrente e preferencial, reafirmando a escolha de investigá-lo.

A respeito do estilo clariceano, Benedito Nunes define como “aquele modo pessoal de o escritor usar as possibilidades da língua de acordo com determinadas constantes, que correspondem a um conjunto de traços característicos” e comenta que “o estilo de Clarice Lispector tem na repetição o seu traço de mais largo espectro” (NUNES, 1973, p. 133).

Em busca do autoconhecimento, Lispector utiliza-se da repetição. Assim, procura autoafirmar-se, encontrar o sentido de sua existência, questionando-se. Mais do que ninguém, a autora define a sua procura nas palavras: “Mas é buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano” (LISPECTOR, 1964, p. 178).

Por meio de nossa análise de resultados, será possível perceber a relevância do vocábulo na obra, em que Lispector vai em busca de autoafirmação, sentido de sua existência, indagando-se, sendo, portanto uma das razões pelas quais a autora utiliza a repetição do vocábulo *coisa* em sua obra.

3 Metodologia

No tocante aos procedimentos, primeiramente foram escaneados os textos que compõem o corpus de estudo. Com o auxílio da ferramenta *WordList*, gera-

mos a lista de frequência de palavras do texto original. Por meio da ferramenta *Concord*, extraímos as listas de concordância tomando por nóculo os vocábulos recorrentes e preferenciais do texto de partida. A seguir, alinhamos as traduções de 1989 e 2012 acompanhadas do respectivo texto original a fim de observar cada frase lexical em relação às linhas de concordância no texto de partida. Após a identificação dos vocábulos recorrentes e preferenciais, partimos para a comparação dos vocábulos no corpus de texto originalmente escrito em língua portuguesa em relação às respectivas traduções para a língua inglesa de 1989 e 2012. Na comparação, buscamos identificar as semelhanças e diferenças entre a obra original e as traduzidas para o inglês, no tocante às quatro frases lexicais selecionadas para o estudo, oriundas do vocábulo “coisa”: (1) *cada coisa*, (2) *outra coisa*, (3) *essa coisa*, e (4) *coisa vivida*.

Para esta investigação, foi compilado o seguinte corpus constituído pelo romance: *Água Viva* de Clarice Lispector, publicada originalmente em português no ano de 1973; e pelas respectivas traduções para o inglês, realizadas por Elizabeth Lowe e Earl Fitz sob o título *The Stream of Life*, publicada em 1989, bem como por Stefan Tobler intitulada *Água Viva*, lançada em 2012.

4 Análise dos Resultados

Esta pesquisa teve por objetivo analisar as traduções para o inglês de quatro frases lexicais provenientes do vocábulo recorrente e preferencial “coisa” na obra *Água Viva*, de Clarice Lispector. Apresentamos a seguir as quatro frases lexicais encontradas no texto original (“cada coisa”; “outra coisa”; “essa coisa”; e “coisa vivida”), bem como nas traduções para o inglês de 1989 e 2012.

A frase lexical “cada coisa”

Abaixo, exporemos os cinco resultados encontrados no texto original, bem como em suas traduções para o inglês de 1989 e 2012. Como encontramos dois resultados da frase lexical “cada coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 e 2012 “each thing”, apresentaremos abaixo apenas um dos dois resultados.

A frase lexical “cada coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 “each thing” e de 2012 “each thing”

- E **cada coisa** que me ocorra eu a vivo aqui anotando-a pois quero sentir nas minhas mãos perquiridoras o nervo vivo e fremente do hoje (LISPECTOR, 1998, p. 10).
- And **each thing** that happens to me I live here, taking note of it. Because I want to feel in my inquiring hands the living and trembling nerve of what is today (LISPECTOR, 1989, p. 40).
- And **each thing** that happens to me I live it here by noting it down. Because I want to feel in my probing hands the living and quivering nerve of the today (LISPECTOR, 2012, p. 64).

A frase lexical “cada coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 “each thing” e de 2012 “every thing”

- **Cada coisa** tem um instante em que ela é (LISPECTOR, 1998, p. 6).
- **Each thing** has an instant in which it is (LISPECTOR, 1989, p. 3).
- **Every thing** has an instant in which it is (LISPECTOR, 2012, p. 3).

A frase lexical “cada coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 “each thing” e de 2012 “everything”

- Mas não sei como captar o que acontece já senão vivendo **cada coisa** que agora e já me ocorra e não importa o quê (LISPECTOR, 1998, p. 32).
- But suddenly I forget how to capture what happens, I don't know how to capture what exists except by living here **each thing** that may come, no matter what it is: (LISPECTOR, 1989, p. 8-9). Stream of life
- But I don't know how to capture what's happening now except by living **everything** that happens to me here and now and whatever it may be (LISPECTOR, 2012, p. 64). Agua viva

A frase lexical “cada coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 “everything” e de 2012 “every thing”

- E **cada coisa** que me ocorra eu anoto para fixá-la (LISPECTOR, 1998, p. 32).
- I take note of **everything** that happens to me, to fix it (LISPECTOR, 1989, p. 9).
- And **every thing** that occurs to me I note to pin it down (LISPECTOR, 2012, p. 12).

Em relação aos quatro exemplos apresentados acima, podemos notar que o tradutor Stefan Tobler não utilizou a mesma frase lexical em sua tradução, variando-a em três das ocorrências exibidas (*each thing*, *every thing* e *everything*). Já, os tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz optaram por usar por quatro vezes a mesma frase lexical “*each thing*”, variando-a apenas em uma ocasião (*everything*). Como coloca Baker, “a frase lexical recorrente pode ser uma expressão/peculiaridade favorita do tradutor – independente do estilo do autor” (BAKER, 2004b, p. 34). Aqui, podemos notar que a frase lexical “*each thing*” mais se aproxima à frase lexical original “cada coisa”, podendo ser apenas “uma preferência estilística por parte do tradutor” (BAKER, 2004b, p. 34).

Observa-se também no primeiro excerto as variações na tradução dos adjetivos “perquiridoras” (*inquiring* e *probing*) e “fremente” (*trembling* e *quivering*) por parte dos três tradutores. Acerca do terceiro exemplo, verifica-se as variações na tradução do verbo “ocorra” (*come* e *happens*) e da expressão “não importa o quê” (*no matter what it is* e *whatever it may be*) pelos três tradutores. Já, no quarto excerto, percebe-se a variação nas traduções dos verbos “ocorra” (*happens* e *occurs*), “anoto” (*take note* e *note*), bem como em “fixá-la” (*fix it* e *pin it down*). De acordo com Scott (1998), as variações podem ser observadas como outras mudanças na tradução, a fim de que os textos de chegada sejam mais fluentes para os leitores. Também, em relação ao quarto trecho, notamos neste exemplo que nas traduções de 1989 (*fix it*) e 2012 (*occurs*) há uma aproximação com o texto original nos verbos “fixá-la” e “ocorra”.

A frase lexical “outra coisa”

Abaixo, exibiremos três dos resultados encontrados no texto original, bem como suas traduções para o inglês de 1989 e 2012. Na frase lexical a seguir, pu-

demos notar por meio de nosso estudo, que houve na obra toda três excertos da frase lexical “outra coisa” traduzidas respectivamente por “*each thing*”. Abaixo, apresentamos apenas dois dos trechos que ocorreram a frase lexical “outra coisa” traduzidas respectivamente por “*each thing*”. Também, exibimos o excerto da frase lexical “outra coisa” e suas respectivas traduções de 1989 “*something else*” e de 2012 “*the thing*”.

A frase lexical “outra coisa” e suas traduções para o inglês de 1989 “*something else*” e de 2012 “*something else*”

- O que eu te falo nunca é o que te falo e sim **outra coisa** (LISPECTOR, 1998, p. 8).
- What I tell you is never what I tell you but **something else** (LISPECTOR, 1989, p. 6).
- What I say to you is never what I say to you but **something else** instead (LISPECTOR, 2012, p. 8).

A frase lexical “outra coisa” e suas traduções de 1989 e 2012 “*something else*”

- O que falo nunca é o que falo e sim **outra coisa** (LISPECTOR, 1998, p. 14).
- What I speak is never what I speak but **something else** (LISPECTOR, 1989, p. 15).
- What I say is never what I say but instead **something else** (LISPECTOR, 2012, p. 23).

A frase lexical “outra coisa” e suas traduções de 1989 “*something else*” e de 2012 “*other thing*”

- Capta essa **outra coisa** de que na verdade falo porque eu mesma não posso (LISPECTOR, 1998, p. 14-15).
- Capture this **something else** of which I truly speak because I myself cannot (LISPECTOR, 1989, p. 14).
- It captures that **other thing** that I’m really saying because I myself cannot (LISPECTOR, 2012, p. 23).

No tocante aos três excertos apresentados acima, podemos notar que o tradutor Stefan Tobler não utilizou a mesma frase lexical em todas suas traduções, variando-a em uma das ocorrências (*other thing*). Já, os tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz optaram por usar a mesma frase lexical “*something else*” por todas as vezes. Observa-se que a frase lexical “*something else*” mais se aproxima à frase lexical original “outra coisa”, podendo ser apenas “uma preferência estilística por parte do tradutor” (BAKER, 2004b, p. 34).

Acerca da frase lexical “outra coisa” traduzidas respectivamente por “*something else*” nos dois primeiros exemplos, também podemos observar que o tradutor Stefan Tobler fez a opção de adicionar o advérbio *instead* no fim da frase no primeiro excerto, e no segundo, anteriormente à frase lexical “*something else*”. Segundo Scott (1998), uma das características do texto normalizado é o uso de omissão/acréscimo no texto traduzido, com o intuito de tornar a tradução mais acessível ao seu leitor, podendo explicar algo que talvez estivesse implícito no texto original. Por seu turno, a equipe de tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz decidiu usar a mesma frase lexical, porém modificaram os verbos. No primeiro exemplo utilizaram *tell* e no segundo *speak* na tradução de “falo”. Também, verifica-se no terceiro excerto a variação na tradução do advérbio “na verdade” (*truly* e *really*) e do verbo “falo” (*speak* e *saying*) por parte dos três tradutores. No que diz respeito à variação, notamos que de acordo com Scott (1998), trata-se de mudanças na tradução, com a finalidade de que os textos traduzidos tendam a ficar mais fluentes para seu público alvo. A seguir, exibimos a próxima frase lexical escolhida para a investigação.

A frase lexical “essa coisa”

Abaixo, apresentaremos os três resultados encontrados no texto original, bem como em suas traduções de 1989 e 2012.

A frase lexical “essa coisa” e suas traduções de 1989 e 2012 “that... thing”

- E tão curioso e difícil substituir agora o pincel por **essa coisa** estranhamente familiar mas sempre remota, a palavra (LISPECTOR, 1998, p. 33).
- It’s so curious and hard now to substitute for the paintbrush **that** strangely familiar but always remote **thing**, the word (LISPECTOR, 1989, p. 41).

- It's so odd and hard to substitute the paintbrush now for **that** strangely familiar but always remote **thing**, the word (LISPECTOR, 2012, p. 65).

A frase lexical “essa coisa” e suas traduções de 1989 e 2012 “this... thing”

- E tão curioso ter substituído as tintas por **essa coisa** estranha que é a palavra (LISPECTOR, 1998, p. 11).
- It's so curious to have exchanged paints for **this** strange **thing** that is the word (LISPECTOR, 1989, p. 11).
- It's so odd to have exchanged my paints for **this** strange **thing** that is the word (LISPECTOR, 2012, p. 16)

A frase lexical “essa coisa” e suas traduções de 1989 “this thing” e de 2012 “the thing”

- Capta **essa coisa** que me escapa e no entanto vivo dela e estou à tona de brilhante escuridão (LISPECTOR, 1998, p. 8).
- Capture **this thing** that escapes me, and I nonetheless live off it and am on the surface of brilliant darkness (LISPECTOR, 1989, p. 6).
- It captures **the thing** that escapes me and yet I live from it and am above a shining darkness (LISPECTOR, 2012, p. 8).

No que tange aos três exemplos apresentados acima, podemos notar que o tradutor Stefan Tobler não utilizou a mesma frase lexical em suas respectivas traduções, fazendo uso da variação (*that...thing*, *this...thing* e *the thing*). Já a equipe de tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz utilizaram por duas vezes a frase lexical “*this thing*” e por uma “*that... thing*”. Aqui, observa-se que a frase lexical “*this thing*” mais se aproxima à frase lexical original “essa coisa”, podendo ser apenas “uma preferência estilística por parte do tradutor” (BAKER, 2004b, p. 34).

Também, pudemos observar nos dois primeiros exemplos que o tradutor Stefan Tobler optou por usar “*odd*” na tradução do adjetivo “curioso” enquanto que os tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz decidiram por utilizar “*curious*”. Nota-se, de acordo com Scott (1998), que a variação diz respeito a uma das características do texto normalizado, que corresponderia a outras mudanças na tradução, com

a finalidade de tornar o texto mais fluente para seu respectivo público. Por seu turno, no terceiro excerto, a tradução de Elizabeth Lowe e Earl Fitz (“*Capture*” e “*brilliant*”) assemelha-se mais ao texto original (“*Capta*” e “*brilhante*”) que a tradução de Stefan Tobler (“*It captures*” e “*shining*”).

A frase lexical “coisa vivida”

Abaixo, apresentaremos os dois resultados encontrados no texto original, bem como em suas traduções de 1989 e 2012.

A frase lexical “coisa vivida” e suas traduções de 1989 “thing lived” e de 2012 “lived thing”

- A **coisa vivida** me espanta assim como me espanta o futuro (LISPECTOR, 1998, p. 24).
- The **thing lived** frightens me just as the future frightens me (LISPECTOR, 1989, p. 29).
- The **lived thing** scares me as the future scares me (LISPECTOR, 2012, p. 46).

A frase lexical “coisa vivida” e suas traduções de 1989 “thing lived” e de 2012 “something lived”

- Daí talvez o ar despojado dos portais, a delicadeza de **coisa vivida** depois revivida, e não um certo arrojo inconsequente dos que não sabem (LISPECTOR, 1998, p. 34).
- Hence, perhaps, the portals’ ravaged look, their delicacy of a **thing lived** and then relived, and not the kind of inconsequential bravado of those who do not know (LISPECTOR, 1989, p. 43).
- Perhaps that’s why the portals look stripped-down, the delicateness of **something lived** and then relived, and not a certain irresponsible boldness of those who do not know (LISPECTOR, 2012, p. 69).

Acerca dos dois trechos apresentados acima, podemos notar que o tradutor Stefan Tobler não utilizou a mesma frase lexical em suas respectivas traduções, fazendo uso da variação (*lived thing* e *something lived*). Já, a equipe de tradutores

Elizabeth Lowe e Earl Fitz usaram a mesma frase lexical nas duas ocorrências (*thing lived*). Aqui, observa-se que a frase lexical “*thing lived*” mais se aproxima à frase lexical original “coisa vivida”, podendo ser apenas “uma preferência estilística por parte do tradutor” (BAKER, 2004b, p. 34).

Verifica-se também no primeiro exemplo que os tradutores não fizeram uso do mesmo verbo “espanta”, variando-o (*frightens* e *scares*). Por seu turno, no segundo excerto, percebe-se que também houve variação na tradução dos seguintes trechos “o ar despojado dos portais” (*the portal’s ravaged look* e *portals look stripped-down*) e “um certo arrojo inconsequente” (*the kind of inconsequential bravado* e *a certain irresponsible boldness*), bem como na tradução do adjetivo “delicadeza” (*delicacy* e *delicateness*). Como pudemos observar, segundo Scott (1998), a variação diz respeito a uma característica de outras mudanças na tradução, com o intuito de contribuir para um texto mais acessível ao seu leitor das línguas de chegada.

5 Considerações Finais

No tocante às semelhanças e diferenças entre a obra original e as traduzidas para o inglês em 1989 e 2012, percebe-se que há mais aproximações entre a obra original e a traduzida de 1989, acerca das frases lexicais selecionadas para análise. Por sua vez, em relação à obra original e a traduzida de 2012 por Stefan Tobler, verificamos mais distanciamentos no que diz respeito à tradução das frases lexicais selecionadas para análise, isto é, foram utilizadas mais variações se comparado com a obra traduzida de 1989 pela equipe de tradutores Elizabeth Lowe e Earl Fitz. Como coloca Baker, “[as] frase[s] lexica[l]/[is] recorrente[s] pode[m] ser uma expressão/peculiaridade favorita do tradutor – independente do estilo do/[a] autor[a]” (BAKER, 2004b, p. 34). Verifica-se que as frases lexicais traduzidas em 1989 mais se aproximam às frases lexicais originais selecionadas para análise, podendo ser apenas “uma preferência estilística por parte do[s] tradutor[es]” (BAKER, 2004b, p. 34).

Acerca dos excertos que compõem as frases lexicais selecionadas para a análise, verificamos mais distanciamentos acerca da tradução dos verbos, adjetivos, expressões, advérbios, tempos verbais e trechos, isto é, foram utilizadas mais variações nas obras traduzidas de 1989 e 2012 se comparado com a obra original. Também apresentam-se semelhanças em relação ao texto original na tradução dos verbos “fixá-lo” (*fix it*) e “ocorra” (*occurs*) nos excertos da frase lexical “cada coisa” por parte dos três tradutores, bem como da equipe de tradutores Earl Fitz e Elizabeth Lowe no excerto da tradução da frase lexical “essa coisa”, que optou por

utilizar o mesmo tempo verbal no imperativo (“*Capture*”), assim como o adjetivo “*brilliant*” em seu texto traduzido.

Observa-se, por meio dos exemplos apresentados, que os tradutores, na tradução literária, têm mais liberdade para traduzir seu texto, passando para a língua alvo da forma que acreditam que será mais compreensível para seu leitor, podendo usar ou não a variação, desde que o sentido do texto original seja mantido.

Já, em relação ao vocábulo “coisa”, foi possível averiguar que foi sempre traduzido por “*thing*”, indicando a importância da repetição na obra de Clarice Lispector, bem como em ambas as traduções. Também, em relação à frase lexical “coisa vivida”, podemos verificar a relevância do vocábulo “coisa” para Clarice, uma vez que “é através da busca e da angústia [da “coisa”] que a autora vai de encontro ao o que “ela quer que lhe aconteça”” (ZACHARIAS, 2018, p. 222).

Com o intuito de enriquecer nossa investigação, nos valemos ainda do estudo de Scott (1998) a respeito da normalização, no qual pudemos constatar que as traduções para a língua inglesa de 1989 e 2012 apresentam outras mudanças na tradução, omissões/acréscimos e, repetição do vocábulo “*thing*” com a finalidade de deixar os textos mais fluentes para seus leitores, de acordo com as normas da língua de chegada.

Bibliografia

Compilação do corpus

LISPECTOR, C. *The Stream of Life*. Tradução de Elizabeth Lowe e Earl Fitz, Minneapolis: University of Minnesota Press, 1989.

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Rio de Janeiro, Rocco, ([1973], 1998).

LISPECTOR, C. *Água Viva*. Tradução de Stefan Tobler, New York: Penguin, 2012.

Referências bibliográficas

BAKER, M. “Corpus linguistics and translation studies: implications and applications”. In: BAKER, M.; FRANCIS, G.; TOGNINI-BONELLI, E. (eds.). *Text and technology: In honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993, p. 233-250.

BAKER, M. Corpora in translation studies: an overview and some suggestions for future research. *Target*, v. 7.2, p. 223-243, 1995.

- BAKER, M. "Corpus-based translation studies: the challenges that lie ahead". In: SOMERS, H. (ed.). *Terminology, LSP and translation studies in language engineering, in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996, p. 175-186.
- BAKER, M. The Role of Corpora in Investigating the Linguistic Behaviour of Professional Translators. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 4.2, p. 281-298, 1999.
- BAKER, M. A corpus-based view of similarity and difference in translation. *International Journal of Corpus Linguistics*, v. 9.2, p. 167-193, 2004a.
- BAKER, M. The treatment of variation in corpus-based translation studies. *Language Matters*, v. 35.1, p. 28-38, 2004b.
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de corpus: histórico e problemática. *Revista D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004.
- BONALUMI, E. F. Investigação de colocações provenientes das traduções para o inglês e italiano de A Hora da Estrela de Clarice Lispector. *Contexto.*, Vitória, ES, v. 40, p. 54-71, dez. 2021.
- BONALUMI, E. F.; CAMARGO, D. C.. Estudo baseado em corpus de um vocábulo recorrente e preferencial do romance A Hora da Estrela, de Clarice Lispector e das traduções para as línguas inglesa e italiana. *TradTerm.*, São Paulo, SP, v. 41, p. 77-99, 2022.
- CAMARGO, D. C.. *Padrões de Estilo de Tradutores: Um estudo de semelhanças e diferenças em corpora de traduções literárias, especializadas e juramentadas*. Tese de livre-docência. São José do Rio Preto: UNESP, 2005.
- CAMARGO, D. C. *Metodologia de pesquisa em tradução e linguística de corpus*. São Paulo: Cultura Acadêmica; São José do Rio Preto, SP: Laboratório Editorial do IBILCE, UNESP, 2007.
- CAMARGO, D. C. O estilo de João Ubaldo Ribeiro em Viva o Povo Brasileiro e An Invincible Memory. *Revista de Literatura, História e Memória (Impresso)*, v. 9, p. 55-69, 2013.
- FERNANDES, L. P. Translation of Names in Children's Fantasy Literature: Bringing the Young Reader into Play. *New Voices in Translation Studies*, Dublin, v. 2, p. 44-57, 2006.
- LANIUS, M; MARTINS, M. do A. P. A Água viva de Clarice: criações na tradução. *TradTerm*. São Paulo: USP, v. 28, p. 318-337, dezembro/2016.
- LISPECTOR, C. *A Paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- NATTINGER, J. R.; DECARRICO, J. S. *Lexical Phrases and Language Teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1992.
- NUNES, B. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.

- PINTO, P. T.; LIMA, M. F. A tradução na área de química orgânica: da adaptação à tradução literal. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, p. 573-585, 2018.
- SANCHEZ, A.; CANTOS, P. *CUMBRE – Curso de Español*. Madri: SGEL, 1996.
- SCOTT, M. *WordSmith Tools*. Version 3. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- SERPA, T.; ROCHA, C. F. Olhares de estranhamento de Clarice Lispector em língua inglesa: análise da obra *A Legião Estrangeira* com base em um *corpus* focado no conto “Os desastres de Sofia”. *Revista do GEL*. São José do Rio Preto, v. 16, n. 2, p. 57-79, 2019.
- SINCLAIR, J. *Corpus, Concordance and Collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- SOUZA LIMA, T. C. de. Vocábulo fundante de Clarice Lispector extraídos de duas obras da autora e características de normalização em suas respectivas traduções. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 47, p. 615-626, 2018.
- TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: VENUTI, L. (Ed.). *The Translation Studies Reader*. London e New York: Routledge, pp. 198-213, ([1978], 2000).
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1995.
- TYMOCZKO, M. Computerized corpora and the future of Translation Studies. *Meta*, v. 43.4. Montreal: Les Presses de L’Université de Montreal, p. 652-659, 1998.